

BALDRS DRAUMAR (OS SONHOS DE BALDUR) - UMA INTRODUÇÃO E  
TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

BALDRS DRAUMAR (BALDR'S DREAMS) - AN INTRODUCTION AND  
TRANSLATION INTO PORTUGUESE

Yuri Fabri Venancio<sup>1</sup>

**Resumo:** Sonhos de Baldur, no original, *Baldrs draumar*, é um poema édico que nos conta sobre a invocação de Odin a uma *vǫlva*, cujo túmulo se encontra em Hel. O objetivo de Odin é de descobrir o motivo pelo qual o seu filho, Baldur, tem pesadelos frequentes. A partir desse encontro, Odin passa a saber sobre a morte iminente de Baldur. A tradução para o português foi realizada diretamente do antigo nórdico, a partir da edição de Finnur Jónsson (1932). O poema está registrado no manuscrito islandês AM 748 I 4to (1280-1320 d.C.).

**Palavras-chave:** Poema édico, Baldur, *fornyrðislag*, ressurreição.

**Abstract:** Baldur's Dreams (in Portuguese *Sonhos de Baldur* and in the original *Baldrs Draumar*) is an edic poem that tells us about Odin's invocation to a *vǫlva* whose grave lies in Hel. Odin's aim is to find out why his son, Baldur, is having frequent nightmares. From this gathering, Odin learns about Baldur's imminent death. The translation to Portuguese was accomplished directly from the old Norse, based on the edition of Finnur Jónsson (1932). The poem is recorded in the Icelandic manuscript AM 748 I 4to (1280-1320 d.C.).

**Keywords:** Eddic poem, Baldur, *fornyrðislag*, resurrection.

Sonhos de Baldur, no original, *Baldrs draumar*, também chamado de *Vegtamkviða*, é um poema édico que narra a invocação de Odin a uma *vǫlva*, que se encontra em seu túmulo. Odin tem a intenção de descobrir o motivo pelo qual seu filho, Baldur, tem tido pesadelos. Odin, nesse encontro, é informado sobre a morte iminente dessa divindade.

---

<sup>1</sup> Yuri Fabri Venancio é mestre em Filologia Românica pela Universidade de São Paulo e colaborador do NEVE: E-mail: [hostkveld@gmail.com](mailto:hostkveld@gmail.com)

O poema está registrado no manuscrito islandês AM 748 I 4to, f. 1v e 2r (1280-1320 d.C.) e, portanto, não se encontra no principal manuscrito medieval islandês, o Codex Regius (GKS 2365 4º, 1260-1280 d.C.), ainda que alguns editores o tenham inserido em edições posteriores dessa coletânea, da mesma maneira que fazem com outros poemas inexistentes no Codex Regius como, por exemplo, *Hyndluljóð*, *Rígsþula*, *Grottasöng* e *Svipdagsmál* (Gunnell, 2005, p. 91). O autor também afirma que o manuscrito fragmentado AM 748 I 4to foi possivelmente registrado em um período um pouco posterior à composição do Codex Regius. Com relação ao conteúdo, ele não tem nenhum vestígio de poemas heróicos e, provavelmente, foi copiado de uma coleção mitológica antiga parecida com a qual Snorri Sturluson pôde ter tido à disposição (p. 83-84). O manuscrito contém os seguintes poemas: *Grímnismál* (completo), *Hymniskviða* (completo), *Baldurs draumar* (completo), *Skírnismál* (incompleto), *Hárbarðsljóð* (incompleto), *Vafþrúðnismál* (parcial) e *Völundarkviða* (incompleto).

A respeito da classificação do poema, ele tem as características daqueles que são chamados de édicos. Estes são quase sempre classificados como poemas que compõem o manuscrito Codex Regius, acima citado, em vez de um gênero ou estilo literário. Tais poemas são quase sempre anônimos, tratam de lendas e mitos antigos, e também do mundo heróico dos países nórdicos. Eles baseiam-se vagamente em histórias germânicas que remontam ao período das migrações na Europa continental, e não em proezas históricas de reis escandinavos (Ross, 2005, p. 26, Gunnell, 2005, p. 82). Gunnell também afirma que tais poemas fazem uso das métricas édicas *ljóðaháttir* (forma da canção), *fornyrðislag* (métrica das histórias antigas) e *málháttir* (forma do discurso). Venancio<sup>2</sup> (2018, p. 570-574) comenta sobre as métricas édicas no *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. É relevante considerar que, em relação ao conteúdo, no poema *Os sonhos de Baldur* encontramos um modelo similar a aquele utilizado em *Völuspá*, em que há uma vólva que narra para o Odin a história da criação do mundo e de seu inexorável final.

---

<sup>2</sup> O autor também já traduziu outros dois poemas édicos: A canção de Thrym (*Brymskviða*) e A canção das lanças (*Darraðarljóð*), ambos contidos no livro *Dicionário de Mitologia Nórdica* (2015), organizado por Johnni Langer. O autor também traduziu o poema escáldico a Canção de elogio ao deus Pórr (*Pórsdrápa*), que se encontra no livro *Desvendando os vikings* (2016), organizado por Johnni Langer e Munir Lutfé Ayoub.

De acordo com Gunnell (2005, p. 92), as catorze estrofes do poema estão compostas na métrica *fornyrðislag*. Os versos dessa métrica podem ter número variável de sílabas e as estrofes geralmente têm oito semiversos (versos curtos), separados por uma cesura e interligados por aliteração, o que resulta em quatro pares aliterativos. Como resultado, cada meia-estrofe, chamada de *vísuhelmingur*, tem dois versos longos e dois pares aliterativos. A respeito do número e da distribuição das sílabas átonas, não há regras fixas que as controlam, no entanto, no geral, há duas ou três em um verso curto, dependendo da quantidade de sílabas tônicas (Ross, 2005, p. 22; Ólasón, 2006, p. 4). Ross afirma que a aliteração entre os dois semiversos se forma entre uma ou duas sílabas no semiverso A e uma, que seria a primeira sílaba acentuada, no semiverso B. Poole (2005, p. 266) acrescenta ao afirmar que se a tônica primária cair em um adjetivo ou substantivo, é essa tônica que deve participar da aliteração.

A respeito da tradução, o autor preferiu por manter a estrutura do número de versos e semiversos. A aliteração também foi mantida, no entanto, ela não é tão rígida como a original. O islandês e norueguês antigos, assim como as línguas germânicas, têm a tônica na sílaba inicial, algo que praticamente impossibilita uma tradução estrutural para o português, já que é uma língua em que o acento tônico pode cair em qualquer sílaba.

Abaixo está uma cópia do manuscrito original e, em seguida, a versão de Finnur Jónsson (1932) com a respectiva tradução realizada pelo autor:



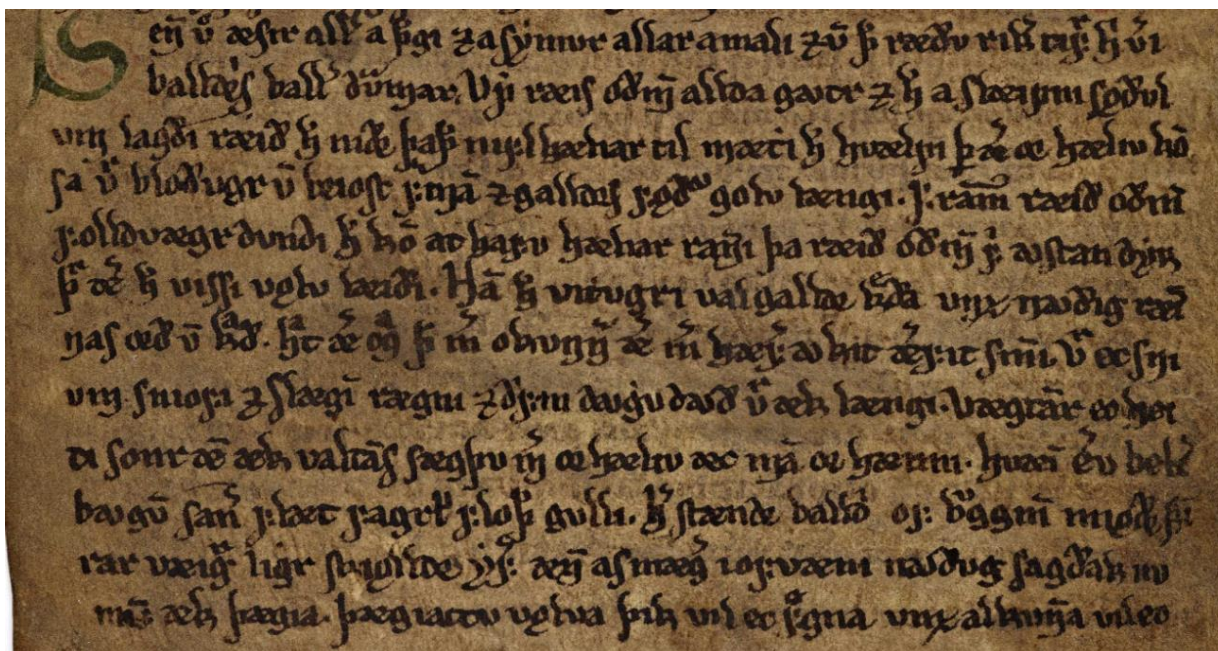


Figura 1 - Fólíó 1v do manuscrito AM 748 I 4to

Fonte: handrit.is ([https://handrit.is/en/manuscript/imaging/da/AM04-0748-I-a#page/1v++\(8+of+18\)/mode/2up](https://handrit.is/en/manuscript/imaging/da/AM04-0748-I-a#page/1v++(8+of+18)/mode/2up))

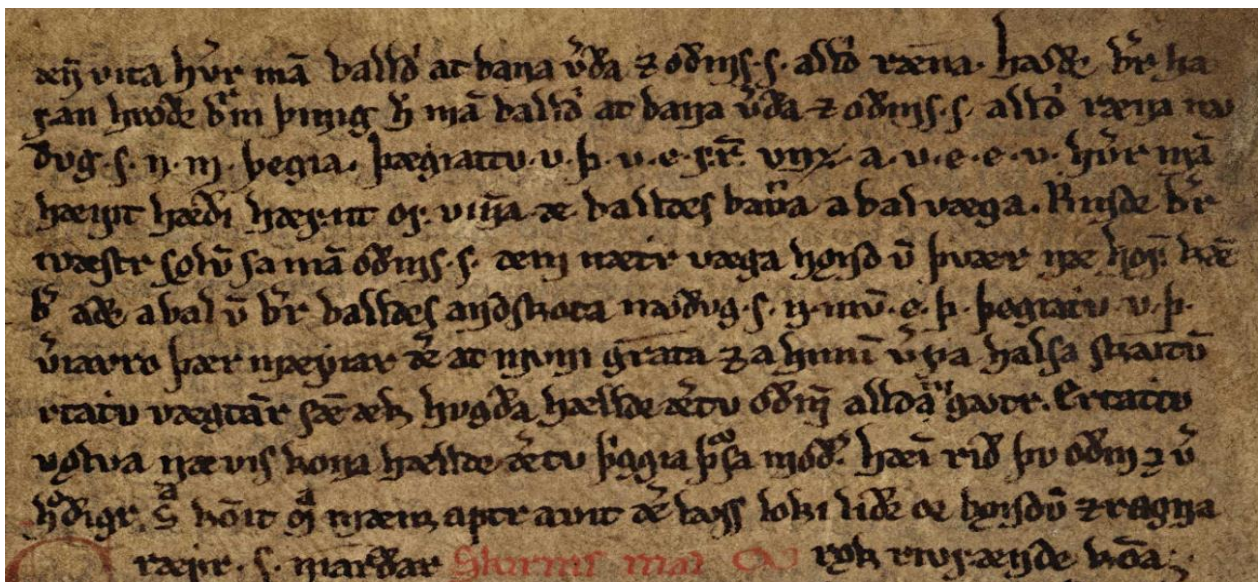


Figura 2 - fólíó 2r do manuscrito AM 748 I 4to



Fonte: handrit.is ([https://handrit.is/en/manuscript/imaging/da/AM04-0748-I-a#page/1v++\(8+of+18\)/mode/2up](https://handrit.is/en/manuscript/imaging/da/AM04-0748-I-a#page/1v++(8+of+18)/mode/2up))

<p>1.</p> <p>Seṅn vǫru æsir allir á þingi ok ósynjur allar á máli, ok of þat réðu ríkir tívar, hví væri Baldri ballir draumar.</p>	<p>1.</p> <p>Uma vez todos os aesir ajuntaram-se no Thing; e todas as asinjur, ajuntaram-se em conselho; E discutiam, os deuses poderosos<sup>3</sup>, o por quê de Baldur ter tempestuosos sonhos</p>
<p>2.</p> <p>Upp reis Óðinn, aldinn gautr, ok hann á Sleipni sǫðul of lagði, reið niðr þaðan niflheljar til; mœtti hvelpi, þeims ór helju kom.</p>	<p>2.</p> <p>Odin se levantou, longevo Gautur<sup>4</sup>; E ele no Slepnir<sup>5</sup>, a sela colocou; O abismo ele desceu com destino a Niflheim; Lá encontrou um cão, que como casa tinha Hel</p>
<p>3.</p> <p>Sá vas blóðugr of brjóst framan, ok galdrs fǫður gól oflengi, framm reið Óðinn,</p>	<p>3.</p> <p>Estava com sangue sobre o peito;</p>

<sup>3</sup> As seis primeiras linhas são idênticas à estrofe 14 do poema Prymskviða.

<sup>4</sup> Gautr é um nome para Odin e para “homens da Gotlândia” (Egilsson & Jónsson, 1931, p. 174; de Vries, 1977 p. 159; Magnússon, 2008, p. 235)

<sup>5</sup> Cavalo de Odin, que tem oito patas e é o mais rápido do mundo



<p>foldvegr dunði, hann kom at hóu Hełjar ranni.</p>	<p>e para o pai da magia<sup>6</sup> por muito tempo latiu; Avante Odin viajou, a via do mundo estrondou; ele chegou à monstruosa moradia de Hel</p>
<p>4.</p> <p>Þá reið Óðinn fyr austan dyrr, þars hann völu vissi leiði; nam hann vittugri valgaldr kveða, unz nauðug reís, nás orð of kvað:</p>	<p>4.</p> <p>Então Odin partiu para a porta do leste, onde sabia que havia a esquife de uma volva; cantou à sabia mulher uma magia de ressurreição<sup>7</sup>; até que forçosamente se elevou, e com elocução cadavérica falou:</p>
<p>5.</p> <p>Hvat 's manna þat mér ókunnra, es mér hefr aukit erfitt sinni; vask snivin snævi, ok slęgin regni ok drifin döggu, dauð vask lęngi.</p>	<p>5.</p> <p>Que tipo de mortal, a mim desconhecido, me fez percorrer penoso caminho? Fui coberta pela neve, nocauteada pela chuva, e pelo orvalho molhada, morta estive há muito.</p>

<sup>6</sup> De acordo com Jónsson & Egilsson (1931, p. 168), o “pai da magia” (*galdrs faðir*) é Odin.

<sup>7</sup> Valgaldr seria uma magia para acordar os mortos (Jónsson & Egilsson, 1931, p. 589)





<p>6.</p> <p>Vegtamr heitik, emk Valtams sonr, sęg mér ór hełju, ek ór hełmi mun, hveim eru þekkir baugum sánir? flęt fagrliga flóuð eru golli.</p>	<p>6.</p> <p>Me chamo Vegtam<sup>8</sup>, e de Valtam<sup>9</sup> sou o filho; a mim sobre Hel conte! E contarei sobre nossa morada: Para quem estão os assentos adornados com aneis, e os lindos bancos de parede plasmados em ouro?</p>
<p>7.</p> <p>Hér stęndr Baldri of brugginn mjøðr, skírar vęigar, liggr skjöldr yfir, ęn ásmęgir í ofvæni; nauðug sagðak, nú munk þęgja.</p>	<p>7.</p> <p>Para Baldur, aqui está o hidromel preparado, sobre a bebida imaculada, um escudo se deita, mas os poderosos Æsir angustiados se encontram; de má vontade eu contei e me calar eu quero agora.</p>
<p>8.</p> <p>Þęgjat vølva, þik vilk fregna, unz 's alkunna, vilk ęnn vita, hvęrr mun Baldri at bana verða, ok Óðins son aldri ræna?</p>	<p>8.</p> <p>Vølva, não te cales, questionar-te eu quero, de tudo já sabido saber ainda quero: quem irá banir Baldur da vida? e, do filho de Odin, ousar roubar a idade?"</p>

<sup>8</sup> Aquele que é acostumado com caminhos, que viaja muito (epíteto para Odin) (Jónsson & Egilsson, 1931, p. 589)

<sup>9</sup> Aquele que é acostumado com homens sucumbidos em guerra (epíteto para Odin) (Jónsson & Egilsson, 1931, p. 602)



<p>9. Hǫðr berr hovan hróðrbaðm þinig, hann mun Baldri at bana verða, ok Óðins son aldri ræna; nauðug sagðak, nú munk þægja.</p>	<p>9. “Hödr levará o alto honroso ramo para cá<sup>10</sup>, ele irá banir Baldur da vida, e, do filho de Odin, ousar roubar a idade; de má vontade eu contei e me calar eu quero agora”</p>
<p>10.  Þægjat vǫlva, þik vilk fregna, unz 's alkunna, vilk enn vita, hvęrr mun hęipt Hęði hęfnt of vinna, eða Baldrs bana á bál vega?</p>	<p>10.  Vǫlva, não te cales, questionar-te eu quero, de tudo já sabido saber mais ainda quero: quem irá a Höd inflingir a vingança? ou de Baldur, o carrasco, queimar na fogueira?</p>
<p>11.  Rindr berr Vála í vestrsǫlum, sá mun Óðins sonr * einnætr vega, * hǫnd of þværat né hǫfuð kęmbir, áðr á bál of berr Baldrs andskota; nauðug sagðak, nú munk þægja.</p>	<p>11.  A Rind concebe Vali em salões do Oeste, este, o filho de Odin, com um ano, guerreará; a mão ele não lavará, nem o cabelo penteará, Até levar para a fogueira o facínora de Baldur. de má vontade eu contei e me calar eu quero agora</p>

<sup>10</sup> De acordo com Jónsson & Egilsson (1931, p. 286), a palavra *hróðrbaðm* “árvore honrosa” seria um adjetivo que faz referência ao visco. Ødegard (2014, II, p. 420) afirma que o adjetivo *hár* “alto” é uma prova de que o compositor do poema não tinha visto um visco até então.





<p>12.</p> <p>Þęjat vǫlva, þik vilk fregna, unz 's alkunna, vilk ęnn vita, hverjar ro meýjar, es at muni gráta ok á himin verpa halsaskautum?</p>	<p>12.</p> <p>Vǫlva, não te cales, questionar-te eu quero, de tudo já sabido e saber ainda quero: Quem são as mulheres que muito chorarão e para o céu panos de pescoço jogarão?</p>
<p>13.</p> <p>Estat Vęgtamr, sem ek hugða, heýdr est Óðinn, aldinn gautr.</p> <p>Estat vǫlva né vís kona, heýdr est þriggja þursa móðir.</p>	<p>13.</p> <p>Tu não és Vęgtam, como eu pensei; porém, é Odin, o antigo Gaut.</p> <p>Tu não és nem vǫlva nem mulher sábia; mas de três gigantes a genitora tu és.</p>
<p>14.</p> <p>Hęim ríð Óðinn ok hróðigr ves, svá komið manna meýrr aptr á vit, es lauss Loki líðr ór þęndum ok ragna rǫk rjúfęndr koma.</p>	<p>14.</p> <p>Viaja para casa, Odin, orgulhoso debes ficar, Nenhum varão mais virá em visita; até que tenha Loki se libertado da corrente e o Ragnarok rompido em destruição</p>

**Referências bibliográficas:**

*Fontes primárias:*

JÓNSSON, F. *De gamle eddadigte*. København: G. E. C. Gads Forlag, 1932.

*Fontes secundárias:*

De VRIES, J. *Altnordisches Etymologisches Wörterbuch*. Leiden: E. J. Brill, 1977

GUNNELL, T. "Eddic Poetry". In: MCTURK, Rory. *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature*. Malden, Mass: Blackwell, 2005. p. 81-100

JÓNSSON, F.; EGILSSON, S. *Lexicon poeticum antiquæ linguæ septentrionalis: Ordbog over det Norsk-Islandske skjaldesprog*. København: Møllers bogtrykkeri, 1931

MAGNÚSSON, A. B. *Íslensk Orðsifjabók*. Reykjavík: Orðabók Háskólans, 2008

ÓLASON, V. Old Icelandic Poetry. In: NEJMANN, Daisy. *A History of Icelandic Literature*. Lincoln & London: University of Nebraska Press, 2006. p. 1-63

POOLE, R. Metre and Metrics. In: MCTURK, Rory. *A Companion to Old Norse-Icelandic Literature*. Malden, Mass: Blackwell, 2005. p. 265-284

ROSS, M. C. A. *History of old norse poetry and poetics*. Cambridge: D. S. Brewer, 2005.

VENANCIO, Y. F. Poesia Éddica. In: LANGER, Johnni. *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018. p. 570-573.

ØDEGÅRD K. *Edda-Dikt*. Band 2. Oslo: Cappelen Damm, 2014.